

Revista do Rádio



FOTO: REPRODUÇÃO/FACEBOOK



Fonte: Revista do Rádio, ano II, nº15, maio, 1949.



REVISTA HOMENAGEM

DIREÇÃO
LUCYANNE DE MELO
AFONSO

ANO I, Nº I
28 DE JUNHO DE 2019

ORIENTAÇÃO:
PROFA. DRA.
ROSEMARA STAUB DE
BARROS

DESIGNER:
DEBORAH LIMA DE
ARAÚJO

FOTOGRAFIA:
FERNANDO MATOS

REVISÃO:
NATASHA CINTRA

UNIVERSIDADE
FEDERAL DO
AMAZONAS
PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO
SOCIEDADE E
CULTURA NA
AMAZÔNIA

NOSSA CAPA

Katia Maria, considerada rainha do rádio amazonense, numa foto para a gravação de seu cd em 2018.

EDITORIAL

Sabemos que a vida na Amazônia tem uma ligação enorme com a natureza: o ciclo das chuvas, enchentes e vazantes, a reprodução dos peixes, as distâncias geográficas que o próprio cenário amazônico impõe na sua grandiosidade, a vida urbana e ribeirinha seguem o fluxo dos rios e da floresta: “a dificuldade geográfica do Amazonas, não dificuldade, nossas estradas são os rios, através da navegação é o acesso ao interior” (NEVES, 2017), não existem distâncias geográficas, existem diferentes espaços e povos no enredo amazônico, assim como no mundo. O homem amazônico e a floresta são inseparáveis, a compreensão se dá na sua complexidade.

O rádio na Amazônia, além de ser um aparelho de comunicação, se insere como um componente do dia a dia da população amazônica, “esse rádio torna-se uma espécie de espelho que reflete a identidade cultural do homem amazônida” (MAFRA, 2014, p.06). O rádio se molda e se transforma em um objeto de conexão entre a natureza e o cotidiano urbano e ribeirinho: nas casas, nos barcos, na roça, na canoa, o aparelho está presente no dia a dia.

Da inter-relação radiofônica no espaço amazônico se constroem várias paisagens sonoras nos ouvintes e se cria o que Rostan (2005) chama de palco regional, em que o rádio “reproduz a dramatização da vida real com autores, espectadores e intérpretes, todos no mesmo palco regional” (p.94). Podemos interpretar que, na Amazônia, o rádio produziu diferentes paisagens sonoras em diferentes palcos regionais

Nogueira (1999) divide a história da radiodifusão no Amazonas em três fases: Fase da germinação (período que o rádio expandiu, originou): da Voz de Manaus à

Voz Baricéa e a formação do cast; (1927 -1942), Fase da Floração (período que o rádio avançou e teve progresso): Da Rádio Baricéa à Rádio Baré e sua incorporação aos Diários Associados de Assis Chateaubriand – busca de talentos e inovação tecnológica; (1943-1965) e Fase da Frutificação (período em que o rádio gerou novos produtos e novos resultados): indústria cultural e divertimento. (1966-1990).

O rádio movimentou a cidade, realizou concursos, criou os programas de auditório das emissoras de rádio, as homenagens às autoridades políticas, enfim, as emissoras em Manaus fizeram o intercâmbio entre o público, os artistas e a indústria cultural.

Parafraseando Certeau (2008), esse espaço musical radiofônico construído pelos passos de seus contratados é que faz do rádio um lugar de trajetórias, de experiências, transformação, e um espaço de revelação do mundo e do outro. O rádio brasileiro exerceu influência em muitos setores da sociedade, principalmente na política e na música popular.

A tese apresenta a fase de Floração (1943-1965) de Nogueira (1999) com uma descrição e análise mais aprofundada sobre o que era ser artista/músico/cantor neste período e como as rádios possibilitaram uma formação musical pelo seu cotidiano, em que o artista pudesse se empoderar do status, contribuindo para solidar mais a profissão.

Historicamente, o período é conhecido como uma época em que a cidade tenta se reerguer economicamente, está no centro de questões políticas e econômicas do Brasil e do mundo, quando a Amazônia se torna uma protagonista camuflada da Segunda Guerra Mundial, e em seu processo geográfico e sociocultural durante este período, a cidade se reconstrói, a arte musical e a cultura permanecem em constante movimento pelas ondas sonoras do rádio.

NOTÍCIAS DA AMAZÔNIA

O período de 1943 a 1964 temporalmente é um marco grande dentro de uma perspectiva histórica, social e cultural da pesquisa, mas é preciso compreender o espaço-tempo da Amazônia para entender suas nuances culturais e sociais, mas segue o mesmo tempo global e nacional. Este período tem muita representação do mundo na Amazônia e a representação da Amazônia para o mundo em questões políticas, econômicas e culturais.

Se hoje a Amazônia tem várias representações como Paraíso Perdido, o Mundo Perdido, Inferno Verde, Paris dos Trópicos, Vazio Demográfico, conhecida por seus mitos e lendas, é porque em cada contexto de seu processo histórico e sociocultural foi pensada e construída pelos paradigmas instaurados na humanidade.

As representações sobre ela foram e ainda permanecem vivas no imaginário das pessoas. Os processos históricos e socioculturais definiram a imagem geográfica e o imaginário sobre a

região: o olhar do europeu que foi um olhar civilizatório e colonizador, o olhar do indígena o dono da terra que foi invadida e destruída e os povos dizimados, o olhar dos viajantes mostrando o “Paraíso Perdido” ou o “Inferno Verde”, o olhar dos seringueiros em busca de uma vida melhor nessa Amazônia¹ colonizada, invadida, civilizada, fabricada, construída: em uma época Liverpool, em outra, a Paris.

Devemos considerar que dentro desta grandiosa Amazônia temos várias Amazônias que se inter-relacionam entre o local e o global, o regional e o nacional, apresentando diferentes processos, mas inseridos globalmente. Manaus é um dos espaços amazônicos que produziu seu próprio processo pelos sujeitos, objetos, espaço e natureza.

Manaus, uma cidade inserida no meio da floresta amazônica, não representa uma cidade atrasada, sem tecnologias, distante e que sempre está à espera do progresso - devemos levar em

consideração que a cultura se estabelece pelas suas práticas individuais e coletivas dentro de um espaço inserido e isso que caracteriza um espaço culturalmente - podemos dizer que foi uma cidade amazônica abandonada pela administração política que usufruiu da borracha e deixou as cidades amazônicas precárias e desprovidas de assistências sociais e econômicas, mas isolada e distante do mundo é contraditório, tendo em vista que o mundo a vislumbra e está inserida no próprio contexto histórico mundial.

Hoje ainda escutamos muitos brasileiros questionarem se aqui só tem índio ou se nas ruas as onças aparecem, ou é uma terra muito distante e difícil para visitar, o exótico ainda permanece no imaginário coletivo. Esses exotismos fazem parte da construção de nossa identidade, mas como Pinto (2008) aborda não é nossa essa ideia, ela foi desenvolvida ao longo do processo histórico da Amazônia.

¹ O livro *A invenção da Amazônia* de Neide Gondim (2007) retrata este imaginário produzido pelo homem no decorrer da história: “O mundo perdido é a região mágica dos tempos do início cuja vida animal pré-histórica, intermediada pela figuração da vida gregária dos homens-macacos, elide-se à sociedade estruturada dos índios não degradados do planalto. Essa memória atemporal representa, por outro lado, o imaginário do europeu e as especulações que nortearam suas reflexões depois que descobriram a existência de um mundo novíssimo”. (p.233).

A BORRACHA E A JUTA NA II GUERRA MUNDIAL

A Amazônia está integrada literalmente ao contexto mundial, logo, Manaus estava inserida globalmente nas questões de ordem política, econômica e sociocultural, desde que esse mundo perdido foi encontrado para salvar as almas dos fiéis do velho mundo, no século XX, suas riquezas serviram para prover a II Guerra Mundial (1939-1945), ela novamente foi o foco de imaginação, de interesses políticos e do desenvolvimento econômico do país. Como podemos considerar a Amazônia isolada e distante se ela está no núcleo de interesses políticos internacionais?

Na II Batalha da Borracha (1943-1945), o migrante nordestino partia de sua terra convencido pelo Estado Novo de que era para o desenvolvimento da região e do país. Seu trabalho e as condições miseráveis nos seringais da Amazônia abasteciam as relações internacionais e a política da Boa Vizinhança entre Brasil e Estados Unidos.

Durante o percurso dos nordestinos para a Amazônia o rádio estava presente anunciando a integração, a política nacional e a música como pano de fundo dessa caminhada de angústias, esperanças, lamentações e desbravamento do extremo norte.

Amazônia, nordestinos, borracha e juta foram elementos determinantes para a engrenagem da Segunda Guerra Mundial, subsidiaram o cotidiano, foram ao mesmo tempo personagens principais e coadjuvantes em suas ações, aplicabilidades e funcionalidades em território local e global.

Valorar estes elementos pela função que tiveram em um contexto mundial é colocar a Amazônia como foco da economia global, inserida num espaço geográfico central privilegiado, estrategicamente localizada em relação aos demais países e eventos mundiais.

No entanto, Manaus é uma extensão do mundo, é à sua maneira o mundo, é sujeito participante do cotidiano mundial, ao mesmo tempo, global e local, para compreendermos o lugar não devemos tratar de forma localista, pois o mundo está em toda a parte. Milton Santos (2008) aponta que cada lugar é um ponto de encontro que atua em diferentes escalas e que revela níveis diferenciados, com interesses longínquos e próximos, mundiais e locais.

A década de 1940 foi praticamente uma imersão no ressurgimento da borracha e na política de valorização nacional da região, de ver a região como potencial para agricultura, avicultura, pecuária, tendo o nordestino como braço forte dessa revitalização.

A partir de 1946, com o presidente Eurico Gaspar Dutra (1946-1951), inicia o plano de valorização econômica da Amazônia que ficou instituído

na Nova Constituição do Brasil, onde a União aplicaria anualmente o valor de 4% de sua renda tributária na Amazônia:

Esta busca pela valorização e pelo desenvolvimento nas cidades da Amazônia perdurou a década de 50, principalmente pelo sonho do petróleo. A década de 1960 marcou um desenvolvimento socioeconômico no Amazonas, como por exemplo, a vinda da Petrobrás para perfurar os poços na área do Careiro, Maués e Manacapuru.

No final dos anos 50 e início dos anos 60, a cidade de Manaus ficou conhecida como uma cidade precária, abandonada e de economia mal aproveitada que vem desde a crise deixada pelo ciclo da borracha e que buscava alternativas do mesmo formato econômico da borracha com a exportação de matérias primas para retornar ao foco do mercado mundial.



Figura: Nordestino na fileira do Exército da Borracha
Fonte: Jornal do Commercio, 25/07/1943.

E MANAUS CONTINUA CRESCENDO...

A cidade resiste pelas formas culturais que estavam subentendidas em seu espaço, as culturas nesse espaço-tempo amazônico foram fundamentais para o hibridismo cultural: “marcado por encontros culturais cada vez mais frequentes e intensos” (Burke, 2016, p.14), a abertura às novas práticas culturais e a reconfiguração do cenário sociocultural, instaurou um período de hibridização cultural.

A área geográfica cresce, a cidade precisa de mais investimentos e políticas públicas para fomentar a economia, novas formas de sobrevivência surgem, enquanto isso as trocas culturais tornaram-se a base de uma cidade doce e dura em excesso.

Podemos ver este hibridismo nas práticas culturais da cidade, tanto nos espaços como os clubes, o Teatro Amazonas, as praças e as rádios, quanto nas culturas como a nordestina, a indígena, a europeia, a americana, cada um trouxe seus conhecimentos e valores culturais, acontecendo esse cruzamento de culturas no lugar que independe dos espaços, das hierarquias e das divisões sociais, por isso, embora um lugar tenha déficits econômicos,



O Magnífico Atlético Rio Negro Clube que recebia a sociedade manauara nas festas e carnavais.

Fonte: Coleção de fotos de Otoni Mesquita .

cos, mas a cultura subsiste às hegemonias e às divisões sociais, se reinventa no espaço.

Os diversos cenários culturais aconteciam na cidade, desde o Teatro Amazonas, aos clubes, cinemas e às rádios nas décadas de 1940 a 1960. Podemos, desta forma, interpretar como as representações foram construídas, pensadas no período de 1943 a 1964 através das práticas culturais e dos esquemas intelectuais do espaço: são estes esquemas intelectuais que formam as figuras/personalidades e no presente criam sentidos decifrando o espaço (CHARTIER, 2002).

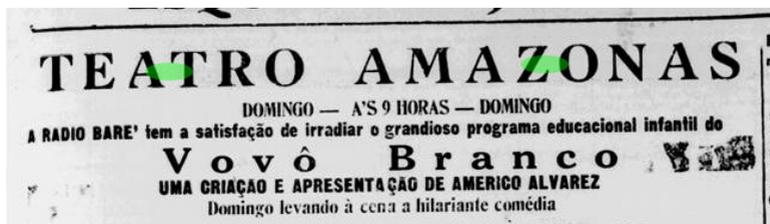
Boite Odeon: um ótimo cardápio, música ao vivo para dançar e se divertir.

**Jornal do Commercio,
17/03/1955.**

PARQUES RADIOFÔNICOS

Quer se divertir, ouvir uma boa música? O rádio transitava nos parques radiofônicos: estava presente no Teatro Amazonas, nos clubes, na organização dos carnavais, nos lares da Amazônia, no cinema, nas Boites, não era unicamente nos estúdios, as suas ramificações nestes parques radiofônicos lhe davam autonomia de “gerenciar” as ações culturais e promover também o espaço.





Programa Vovô Branco da Rádio Baré no Teatro Amazonas, muito espetáculo para a criançada.

Fonte: Jornal do Commercio, 01 de dezembro de 1957.

A Maloca dos Barés apresentava sempre os melhores programas do rádio da sociedade manauara, apresentando os artistas famosos e seu elenco espetacular

Fonte: Jornal do commercio, 25 set. 1955, Maloca dos barés.

O Rádio estava presente em todos os espaços em Manaus, seja divulgando uma apresentação ou promovendo um evento através de seu elenco local e nacional. É importante enfatizar o que cada espaço apresentava, não como um espaço cultural isolado, mas como espaços em que o rádio colaborou para formação de público, de ouvintes e até mesmo das representações construídas que formaram as personalidades artísticas dentro do circuito cultural.

Em tempos de crise, o lazer tornou-se a fuga dos problemas e da realidade, os



parques radiofônicos tornaram-se um outro lugar, não somente como espaços de divertimento e bem-estar em detrimento da labuta do dia a dia, mas como espaços de criação de valores individuais e coletivos: “na época era radio mesmo, nós não tínha-

mos outra opção. Era você ouvir rádio, ouvir novela de rádio e ver os programas de rua que a rádio oferecia; naquela época, além de cinema que você via, ia no teatro” (OLIVEIRA, 2018), ou seja, o rádio como principal condutor da cultura de massa colaborou na criação de estilos de vida culturais ou mesmo a formação de esquemas culturais de uma determinada época histórica, “na padronização de gostos, ideias, motivações, preferências, interesses e valores” (SODRÉ, 1980, p.94).



A juventude reunida na frente do cinema Polytheama para assistir um filme ou ver um artista do rádio.

Fonte: Roberto Mendonça Furtado.

**DO RÁDIO
NASCEM OS
ARTISTAS,
OS
SEMIDEUSES
DO OLIMPO
VALE
AMAZÔNICO!!!**

Um cotidiano musical muito intenso, um espaço radiofônico eclético cheio de astros e estrelas que fizeram parte do Olimpo vale Amazônico: programas musicais, músicos, locutores e intercâmbios culturais nacional e internacional. Cada um com suas especificidades, habilidades, personalidades e individualidades, fazendo e transformando o cotidiano radiofônico pelas paixões, sentimentos, ideias e ideologias, perfazendo um mosaico de uma época pelos esquemas intelectuais que colocaram em funcionamen-

to no cotidiano radiofônico.

O artista inserido nesse cotidiano e com o reconhecimento do público fazia parte de uma elite artística e social, esse reconhecimento se dava pelas suas habilidades adquiridas no cotidiano radiofônico. Muitos artistas se constituíram como artistas pelo cotidiano estabelecido nas rádios: adquiriram habilidades, capacidades artísticas, desenvolveram seus ideais e sentimentos, se projetaram nos espaços que permitiram se legitimarem socialmente e, principalmente, artisticamente.

**OS ARTISTAS DAS NOSSAS RÁDIOS
E SUAS QUALIDADES**

Júlio Otávio

*o cantor de voz invulgar
Correia de Araújo
o locutor gentleman, voz
metálica*

Jorge Araújo

o rei do samba de breque

Rômulo Gomes

o rei dos auditórios

Josaphat Pires

o locutor de voz romântica

Geraldina Monteiro

*a maior do teclado/ a fada
do piano*

Carmem Moraes

a simplicidade em pessoa

Guionar Cunha

a voz ternura de Manaus

Ana Cavalcante

a menina revelação

Armindia de Oliveira

a encarnação do samba

Rosa Maria

a bomba atômica

Cancioneiros da Lua

os reis do ritmo

Hélio Trigueiro

*o sensacional garoto da
sanfona*

Silvio Caldas

o menor seresteiro

Almir Silva

a voz mais bonita

Luiz Santos

a melhor voz do Amazonas

Anísio Silva

interpretação firme e veterana

Angelo Amorim

eis um astro

Maria de Lourdes

o rouxinol caboclo

Geraldo Monteiro

inteligência interpretativa

e excelente volume de voz

**RÁDIO DO
AMAZONAS**

**OS MAIS DESTACADOS
NA REVISTA DO RÁDIO DE
1948 A 1955**



Maria Neide a Sambista cem por cento, Moreira da Silva e violonista Medina Campos. Fonte: Revista do Rádio, ano II, edição 22, dezembro de 1949.



Príncipes da Melodia em apresentação musical.
Fonte: Revista do Rádio, ano III, edição 48, 08 de agosto de 1950.

RÁDIO DO AMAZONAS



Amélia Vitória possuía muitos fãs pelos seus dotes musicais.
Fonte: Revista do Rádio, ano V, edição 139, 06 de maio de 1952.



Silvia Lene, dobre de cantora e compositora.
Fonte: Revista do Rádio, ano III, edição 23, janeiro de 1950.



Lélia de Souza
Fonte: Revista do Rádio, ano III, edição 37, 22 de maio de 1950.



Geraldina Monteiro a maior dos teclados, a fada do piano.
Fonte: Revista do Rádio, ano IV, edição 94, 26 de junho de 1951.



Rosângela Fuentes, uma das mais aplaudidas intérpretes do rádio amazonense.
Fonte: Revista do Rádio, ano IV, edição 78, 6 de março de 1951.



Carmem Moraes a simplicidade em pessoas.
Fonte: Revista do Rádio, ano VIII, edição 296, 14 de maio de 1955.



Guiomar Cunha a voz ternura de Manaus.
Fonte: Revista do Rádio, ano IV, edição 86, 1º de maio de 1951.



RÁDIO DO AMAZONAS



Danilo Silva foi um contrarregista de muito prestígio na emissora Rádio Baré.

Fonte: Revista do Rádio, ano IV, edição 76, 20 de fevereiro de 1951.

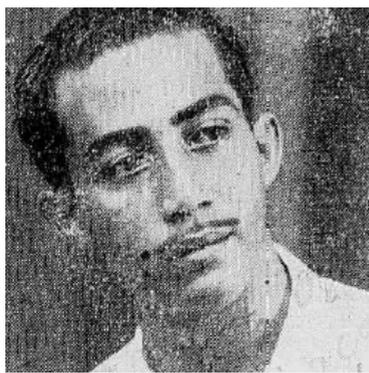
Maria Eneida a chinezinha do rádio amazonense.

Fonte: Revista do Rádio, ano III, edição 37, 22 de maio de 1950.



Maria de Lourdes, o rouxinol caboclo: Dona de uma voz suave e agradável!

Fonte: Jornal do Commercio, 23 outubro de 1949.



Roque de Souza Foi considerado o cantor romântico do Amazonas.

Fonte: Revista do Rádio, ano III, edição 24, fevereiro de 1950.



Julio Otávio o cantor da voz invulgar.

Fonte: Revista do Rádio, ano III, edição 37, 22 de maio de 1950.



Roberta Paiva foi uma das cantoras mirins mais populares da cidade.

Fonte: Revista do Rádio, ano IV, edição 83, 10 de abril de 1951.



Sergio Roberto possuía uma ótima voz e interpretação.

Fonte: Revista do Rádio, ano IV, edição 88, 15 de maio de 1951.



Luiz Santos a melhor voz do Amazonas.

Fonte: Jornal do Commercio, 30 outubro de 1949.



Jorge Araújo o rei do samba de breque.

Fonte: Jornal do Commercio, 16 outubro de 1949.



Angelo Amorim, eis um astro que vem se impôs à admiração dos ouvintes!

Fonte: Jornal do Commercio, 23 outubro de 1949.



Helio Trigueiro o sensacional garoto da sanfona.

Fonte: Jornal do Commercio, 11 de dez. de 1949.

RÁDIO DO AMAZONAS

Ao compreendermos um período, seu circuito musical e suas práticas culturais, estaremos também interpretando um contexto e como os homens construíram e formaram um pensamento sobre si mesmos. Os intérpretes da Amazônia também estão na arte, que representam a vida, constroem as suas representações e vão

deixando trilhas sonoras construídas pelas épocas, sujeitos e práticas.

É uma Amazônia multicultural, de diversas raças e credos, de diversas regiões e culturas, de diversos cantos e canções: uma Amazônia, um tecido único, singular e complexo. Em cada contexto de seu desenvolvimento e história, a Amazônia foi

pensada e construída pelos paradigmas instaurados na humanidade: o Paraíso Perdido, o Inferno Verde, a Paris dos Trópicos, um Vazio Demográfico e o Porto de Lenha.

E nesse período?

Manaus foi a Beverly Hills da Amazônia! O Olimpo dos semideuses do Vale Amazônico!

MEMÓRIAS DE UM ELENCO QUE ULTRAPASSOU ÉPOCAS



Cantoras do rádio no palco do Bar Caldeira montado na Rua José Clemente, centro de Manaus
Fonte: Reprodução/Facebook.

A experiência epocal implica, pois, uma descontinuidade interna do próprio acontecer que não se registra somente a posteriori mediante uma classificação historiográfica e nem necessita de legitimação. Diria ainda que justamente assim se experimenta a realidade da história. Pois o que se experimenta não é um mero passado que se deve superar e assimilar numa atualização plena, mas algo que, por ter acontecido, permanece e nunca pode se apagar. (GADAMER, 2007, p.165)

A importância epocal deste período não se dá somente pelos fatos políticos, sociais e culturais, mas pela própria experiência do período. O que experimentamos hoje são as experiências epocais da realidade histórica,

por isso, o passado é sempre presente quando ressignificamos estas experiências em outras, é um ciclo que não se apaga, sempre permanece conforme os contextos e transformações da sociedade.

Assim, quando queremos investigar sobre o passado, o que queremos de fato é compreender o presente e encontrar novas interpretações destas experiências epocais, como aborda Gadamer (2007): “mas a questão é saber que novos aspectos significativos são possíveis para a interpretação destas experiências (p.165).

Apesar dos desdobramentos políticos e econômicos que Manaus teve no período de 1943 a 1964, foi uma época em que o rádio renovou o cotidiano, permiti-

tiu aprendizagens pela escuta e mudanças no circuito musical em Manaus. As experiências epocais na música em Manaus foram essenciais para termos um outro cenário musical nos dias de hoje, desta forma, a importância epocal de um fato ou período é única, pois exprime a concepção de mundo da época.

Cada sociedade em seu determinado contexto elabora seu estilo de vida, vivenciado no comportamento das pessoas e nas ações cotidianas, ou seja, “o estilo de vida de uma época é, dessa maneira, um comportamento que exprime uma certa concepção do mundo, a qual, por sua vez, nada mais é que uma eflorescência do espírito subterrâneo da vida” (BASTIDE, 1979, p.194).

Participação especial no Programa Carrossel da saúde, as cantoras do rádio, em destaque ao centro kátia Maria, considerada a Rainha do Rádio do Amazonas, ao seu lado direito Celestina Maria e a primeira a esquerda Nazareth Lacouth.

Fonte: Reprodução/ Facebook.

A arte transforma não somente as relações e os significados, mas abre possibilidades de transformação do próprio corpo e nos faz pertencer a este cenário artístico, imaginário e real. Essa vida real mítica se desdobrou no artista ao querer ser o ídolo do rádio, querer representar tal e qual o cantor, ter merecimento, conquistar a cidade e o mundo.

Ontem, foram grandes estrelas de sucesso na cidade, com prestígio e reconhecimento, hoje ainda representam esta época. A época está presente na forma de vestir, na voz, nas performances, no comportamento que apresentavam através de seus corpos, de suas atividades artísticas e musicais, no circuito musical e nas relações estabelecidas hoje. São as experiências epocais de um passado que se configuram no presente.

É como se você fizesse um edifício e tem a base, eles são a base da música, foi essa geração do passado que criou



esse ambiente para que hoje a música continuasse, a música de qualidade, essa turma do passado que formou uma base para nunca acabar a música de qualidade no Brasil, senão se acaba. (XAVIER, 2018)

O espaço não é mais o rádio, pois a ele já deram a validação, bem como o rádio lhes deu a profissionalização, já não fazem mais parte de nenhum espaço fixo. A cidade é o espaço, agora eles comandam o monte Olimpo Vale Amazônico pela soberania, pela história de vida, pelas experiências musicais, como modelo, como exemplo de persistência, coragem e de-

terminação.

A eles damos o reconhecimento pelo que fizeram para a música em Manaus, o que temos hoje no cotidiano da música popular deve-se às experiências epocais em que eles foram personagens nesse processo e que nos são mostradas, ainda hoje, através de suas presenças que trazem em si a essência de um cotidiano musical da época.

Trago aqui um memorial de suas vidas, de forma resumida, mas que nos faz teletransportar as suas essências a um passado presente no cotidiano da cidade e da música local.



Esbanjando simpatia e energia, Celestina Maria brilha no Bar Caldeira.

Fonte: Reprodução/Facebook.

Eu nasci no dia 6 de abril de 1941, minha mãe, Francisca Patriarca dos Santos, era da Paraíba do Norte, de Campina Grande. Ela vinha para Manaus, passava 2 anos ela tinha 1 filho aqui, ia para Belém tinha 1 filho lá, era assim, ela tinha filho aqui e filho lá.

Eu nasci aqui e fui para lá em 1951, fomos para Belém, fiquei lá morando por 4 anos, voltamos para Manaus em 1955 e retornamos em 1956 para Belém. Quando eu estava em Belém, comecei a cantar na “Hora do Garoto Sabino” PR 60 Rádio do Pará, no ano que Getúlio Vargas morreu, em 1954. Só voltei para Manaus em 1958, foi quando fiquei.

Minha mãe foi para Belém e teve mais um filho, em outubro 1958, foi quando voltamos. No mês de julho, no ano de 1959, minha mãe faleceu. Então fiquei aqui em Manaus, minha mãe foi enterrada no cemitério São Lázaro, desde esse acontecimento fiquei aqui. Aos 17 anos, foi quando comecei a cantar, aos 18 já me tornei profissional, hoje eu estou com 76.

Na Rádio Difusora, meu pai era amigo do Domingos Lima e quando nós chega-

CELESTINA MARIA

RAIMUNDA CELESTINA DOS S. OLIVEIRA

06/04/1941, 76 ANOS

NOME ARTÍSTICO - CELESTINA MARIA

mos aqui tinha um programa de calouros. Eu cantava lá em Belém, mas aqui eu vim para o programa de calouros, cantei, ganhei o 2º lugar, a pequena que ganhou o 1º, mas quando foi para fazer o teste na rádio eu passei e ela não passou, foi quando eu fiquei cantando, fui para a Rádio Rio Mar e fiquei can-

tando pelas noites também, depois parei para me casar, passei 14 anos afastada do Rádio, aí voltei já para a televisão e tudo no tempo do Carrossel da Saudade.

Eu sempre fui sambista, sempre cantei samba, bolero, cantei de tudo, eu sou sambista nata, mas eu canto todo tipo de música.

Primeiro aprendi ter respeito pelo Rádio, o Rádio me deu o que eu tenho hoje, eu vim do rádio, então eu aprendi a ter muito respeito.

Celestina Maria, 2018.

**Celestina Maria, a voz do samba de Manaus.
Fonte: Reprodução/Facebook.**



NAZARETH LACOUTH

NAZARE LACOUTH - 19.07.1940, 78 ANOS.



Nazareth Lacouth, beleza, simpatia e dona de uma voz forte e doce. Fonte: Reprodução/Facebook.

Eu sou de Borba, nasci em Borba, eu perdi minha mãe quando tinha 5 anos de idade, minha mãe morreu de parto, meu tio nos trouxe pra cá para Manaus, eu vim pra cá tinha 7 anos, de 7 para 8 anos, fui morar no bairro São Raimundo com meu tio.

Eu era uma criança que não saía de casa, ficava em casa, só estudava, ia para o colégio das freiras. Eu era uma criança que tudo o que fazia era cantando, eu ouvia aquelas músicas, aquelas valsas, aquelas músicas antigas de bolero, eu cantava, cantava, mas cantava tudo errado, porque lá em casa não tinha rádio, eu escutava a rádio do

vizinho, então eu cantava como entendia aquelas letras, cantava, cantava tudo.

Meu tio vendeu a casa de São Raimundo e fomos morar na Glória, no bairro da Glória também cantava o dia todo. Um vizinho que nós tínhamos chegou um dia e falou: “mas Nazaré, tu não quer ir lá na Rádio Rio Mar fazer uma inscrição que estão pedindo cantoras, estão chamando moças que saibam cantar ou que queiram cantar, eles vão fazer um casting, vão escolher três moças, a que ganhar em primeiro lugar fica em primeiro lugar e a segunda e o terceiro”, a inscrição era no sábado e fazia teste no

sábado mesmo, era na Epaminondas numa casa antiga, antes do Rio Negro.

O meu avô não me deixava sair pra nada, não saía de casa para lugar nenhum, não namorava, já tinha 17 anos, não me deixava namorar, já ia para os 18 anos, não namorava, ele não me deixava sair, ele era cearense meu avô, muito severo comigo. Então, falei pra ele: “mas eu não posso ir porque meu avô não deixava” e nem conhecia o centro da cidade, porque não saía mesmo, não tinha roupa, não tinha nada. Aí ele disse que me levava e a mãe dele foi lá pedir do meu vovô que ela ia ao médico e não queria ir sozinha. Eu saí com ela num sábado à tarde, fizemos a inscrição, esperamos para fazer o teste, com os irmãos Verçosa, um tocava violão e o outro atabaque, eles faziam uma dupla muito gostosa de tempos de bolero, eles cantavam muito.

No teste eu cantei a música, pediram para aguardar que iam dar a resposta no meio da semana, e no final do mês quando tivessem com 4 cantoras, iriam ver quem ganhava o primeiro lugar. No meio da semana o vizinho me chamou: “Naza, estão te chamando lá na rádio, pra ti ires lá, a mamãe vai te pedir de novo, a mamãe vai voltar ao médico aí tu vai lá”.

Então fomos, chegando lá o Erasmo Linhares, um dos diretores artísticos, eram dois, um o Erasmo Linhares e o Ives Lima: “Olha Lacouth, você já ganhou o 1º lugar, não vamos mais fazer concurso nenhum,

dá uma olhada pra essas cartas aí”, tinha um monte de cartas, nunca tinha visto tantas cartas pra mim, foram meus fãs, o povo que me elegeu, a música foi gravada e foi para o ar, eu fiz o teste no sábado, e no domingo seguinte com a vizinha eu cantei, e cada domingo iam tirar uma cantora, e o teste final ia ser no Teatro Amazonas, fiquei aguardando e no meio da semana ele me chamou: “você já foi eleita, o povo te elegeu, teus fãs te elegeram!” só uma semana! Tinha muita carta, um monte, podia levar todas, nem com um sacão conseguia levar as cartas.

Fiquei assustada, nunca tinha visto assim: “vizinho e agora? Agora tu vai cantar na rádio!”, aí ele disse assim: “vai ficar você em primeiro lugar e as outras duas moças que cantaram junto contigo”. A festa da entrega foi no Teatro Amazonas, no dia eu não tinha nem roupa pra ir, eu tinha feito um vestidinho bonitinho, eu tinha estudado datilografia e tinha feito um vestido bonitinho pra ir na festinha, e fui com o vestido bonitinho. E agora para sair de casa num domingo para ir ao Teatro Amazonas? A vizinha foi lá e ele disse: “a senhora está muito doente, porque quando vai ao médico e só quer levar a Nazaré?”, ela disse: “porque não tenho com quem saia comigo”. Olha te juro que nunca tinha visto tanta gente na minha vida, o Teatro Amazonas não tinha lugar, o pessoal em pé na frente, gente, gente, eu tremia, não sabia se cantava, não sabia

se errava, nunca tinha visto tanta gente na minha vida, nunca nem tinha saído de casa. Muita gente nos prestigiando.

Eu fico agradecida até hoje, porque não entendia nem de música, e fiquei muito feliz naquele dia, tomei até uma cachaca, nunca tinha visto cana na minha vida, pra poder entrar no palco, pra tomar coragem, minha perna tremia tanto que não tinha condições de entrar.

Eu não saí da rádio, eu viajei, fizeram um convite pra o Rio de Janeiro para fazer um teste, eu tive bastante sorte pra fazer teste, eu não conhecia nada, fui de cabeça mesmo, fiz uns testes, mas o cara queria que fizesse comigo coisas que não fazia: “você só vai gravar se fizer”, “mas eu não vou”, na gravadora mesmo, eu fui em duas gravadoras, passei no teste, mas só fazia se fizesse, aí um dos diretores, um baixinho dizia: “então você não vai ganhar nada na vida”, o outro chegava e dizia que me dava

apartamento, me dava isso e aquilo, saí de lá chorando, eu trabalhava numa confeitaria e o dono perguntava: “o que houve que eu estava morrendo de tanto chorar”, eu chorava porque eu estava triste, porque eu estava tão feliz que achei que ia gravar achando que ia realizar um sonho.

Eu voltei pra Manaus, a rádio já não estava com tanta coisa, na Rio Mar, mas tinha muitos cantores, cantávamos tudo o que era de buracão, onde tivesse festa, na Praça da Polícia, Heliodoro Balbi, todo domingo tinham eram três palanques: Rio Mar, Difusora e Baré, na 7 de setembro, lá pelas 17 horas, aquele coreto quando não era Difusora, era a Rio Mar, quem chegasse primeiro ficava. Estevão Santos, estava no auge, ele cantava zingara. Depois chegava a época do carnaval, na época do carnaval, tinha o palanque da Difusora, Rio Mar e Baré, era carnaval direto, cada uma no seu palanque, eu cantava na Rio Mar e a Kátia na Difusora, era uma época muito boa.



O Bar caldeira é o encontro das estrelas do rádio, como a elegante Nazareth Lacuth.
Foto: Fernando Matos.

FLAVIO DE SOUZA

FLAVIO DE CARVALHO SOUZA 13.04.1930, 88 ANOS.

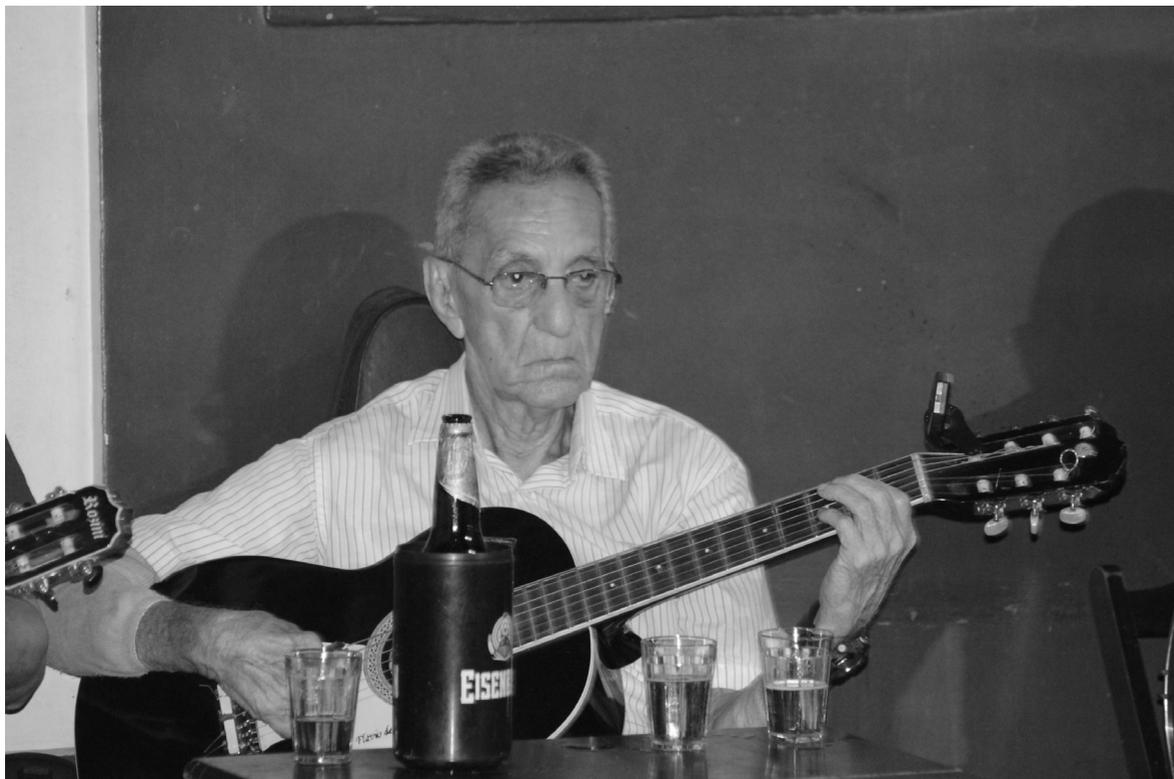
Meu pai veio comigo assistir um jogo de futebol no campo e toda vez que eu pegava no violão ele dizia assim: não aprenda tocar violão porque você acaba sendo um seresteiro beberrão, pode largar, e eu tinha vontade de ouvir ele tocar e eu olhava pros dedos dele como ele fazia, marcava nas cordas cada dedo onde estava na cabeça e quando ele saía eu pegava o violão e eu guardava o som, às vezes não saía.

E num jogo pediu para chamar um táxi para ele voltar pra casa, pois estava sentindo uma dor, disse para minha mãe em casa para atar a rede e fazer um chá de abacate, faltou luz, ele deitou na rede, meus irmãos pequenos subiram em cima dele, ele começou a sorrir e morreu.

Voltei do jogo pra casa e fui chegando e vi um monte de colega na minha direção e falaram que meu pai morreu, inclusive nessa época o

Gilberto Mestrinho era moleque na praça que ia buscar leite no roadway pra mãe dele vender. Meu pai estava em cima da cama com roupa, aí minha mãe disse assim: “pronto meu filho, agora você é o responsável. 8 irmãos, 6 mulheres e 3 homens, eu tinha 16 anos, depois da morte dele minha mãe disse que ia vender o violão, disse pra ela não vender que eu ia aprender sozinho.

**Flávio de Souza, um dos grandes violonistas do Rádio de Manaus.
Foto: Fernando Matos.**



Flávio de Souza acompanhado de amigos do samba do Bar Caldeira, um violão com muitas histórias musicais.

Foto: Fernando Matos.

Tinha uma livraria acadêmica, eu comprei um método de violão: dedo tal na corda tal, dedo tal na corda tal, foi daí que eu aprendi. Eu comecei tinha 20 anos, a minha irmã começou a cantar na rádio, eu ia acompanhando ela, eu comecei a tocar violão, tinha uma gravação de música de carnaval num disco acetato de um cara que gravava lá. Aí o violinista faltou do Regional e minha irmã disse que eu tocava violão, ela me chamou para tocar no Regional.

Aí disseram monta um regional aí para fazer, todo dia eu ouvia a banda de música do quartel fazendo os exercícios, um cara tocando clarinete, eu vi o Ivanildo tocando, chamei o Ivanildo porque sabia tocar, aí ele aceitou e montamos o Regional. Eu era que fazia tudo na parte musical, tocava também de noite na boate Cruzeiro do Sul e mais uns três do Regional, além do Regional Baré tocava no Príncipes da Melodia: Ivanildo, João Lima, Antonio era o cantor.

No Bar Caldeira, Flávio de Souza é o principal diretor musical, seu violão é o condutor da performance de todos. Foto: Fernando Matos.



Eu sabia tudo e por ouvir tanta música, ouvi a música dos cantores daqui e dos de fora, então entrou muita música nos meus ouvidos, eu trabalhava isso para rádio, ensaiava, até que arranjei um trabalho para mostrar para o meu pai que não ia ser um beberrão, e tive que ajudar em tudo depois da morte dele e me desenvolvi mais no violão, ia pra rádio acompanhar minha irmã, depois fiquei no Regional e não sei mais.



KATIA MARIA

CLEONICE GALVÃO DO NASCIMENTO

1941, 78 ANOS.

Eu morava com a minha mãe perto da beira do igarapé, ficava tocando antes de passar no cinema os filmes que iriam passar, minha mamãe armava a rede eu ficava me emba-

lando e escutando o rádio e lá aonde estava o Cine Eder saía as músicas, ficava tocando diversas músicas, e eu ficava escutando, eu escutava e gostava e a criança aprende



Como diz o ditado popular: quem foi rei numa perde a majestade! Assim é Katia Maria, nossa eterna Rainha do Rádio. Fonte: Reprodução/Facebook.

rápido, mas o cantor que me chamou mais atenção, depois que eu vim saber quem era, eu não conhecia os cantores, foi o Orlando Silva.

Orlando Silva foi o que me chamou mais atenção pela sua interpretação, a primeira música que eu aprendi a cantar foi “Rosa de Maio” e era ele quem cantava, cada noite eu ficava ali balançando e geralmente eram sempre as mesmas músicas. Teve uma noite que quando foi começar o filme e eu me embalando comecei a cantar Rosas de Maio, só que de tanto eu escutar eu cantei todinha sozinha, quando eu acabei de cantar Rosas de Maio eu escutei os aplausos, eu me levantei da rede e fui olhar por que ali era igarapé tinha muito era mato, depois eu fui saber, eles ficavam ali todas as noites cada um levava seu banco, e ficavam sentados lá embaixo me ouvindo até no dia, na noite que eu cantei toda música Rosa de Maio bateram palmas e falaram pra minha mãe.

O nome da minha mãe é Francisca, eles chamavam Chiquinha: “dona Chiquinha, que voz linda a sua filha tem” por que eu não aprendi a música assim como criança não, eu interpretava como o Orlando Silva cantava, eu procurava dar aquela entonação na voz e na interpretação que ele dava, até hoje eu só canto a música se me tocar, se tocar o coração. Eu aprendi isso vendo muito filme brasileiro, aqueles filmes da chachada

que chamava chachada que tinham muitos artistas cantando aquilo, eu adorava saber os musicais eu adorava aquilo eu aprendia, tudo porque eu gosto de carnaval.

Nessa época eu estava com 18 anos, em 1958, foi quando eu entrei na Rádio Difusora, antes com 12 anos eu participei de um programa que tinha pela Rádio Baré, era um programa infantil e lá, ali realmente eu comecei nessa minha trajetória como cantora, por que nós tínhamos grandes artistas naquela época, com a minha idade tinha uma série de cantores mirins com 12 anos, 10, 13 anos e eu me apaixonei logo pela coisa, aqueles artistas, sabe! Só que eu não tinha o entendimento de cantar, eu não sabia o que era bolero, o que era samba-canção, o que era samba, eu gostava de cantar e eu cantava por cantar e até que a minha mãe me levou pra participar na Rádio Baré. Então, ali que foi que eu fui ver músicos, foi quando eu conheci Flávio de Souza que todo mundo em Manaus conhece, compositor e músico está com 80, quase 90 anos e ainda continua tocando.

Eu comecei na Rádio Baré no programa infantil quando eu fiquei com meus 16 para 17 anos, eu fui fazer um teste para fazer parte do casting da Rádio Baré, eu não passei, apesar da voz que eu tinha naquela época, que era uma voz belíssima, durante muitos anos eu fui realmente, falsa modéstia, eu fui realmente a

melhor cantora do Amazonas, não foi de Manaus não, foi do Amazonas.

Naquela minha época e também por que a família tinha muito cuidado com suas filhas e seus filhos, nós não éramos soltas como hoje em dia com 10 e 11 anos já está sabendo de tudo, faz tudo o que quer; naquela época não, então tinha um cuidado muito especial com os filhos e com as filhas, e o meu pai não queria que eu cantasse, quando eu era garota tudo bem, mas quando eu fiquei mais taludinha como se diz, eu fiz o teste da Difusora escondida, por isso que tive que mudar o meu nome verdadeiro que é Cleonice Galvão do Nascimento, para Kátia Maria que era para o meu pai não saber que era a filha dele que estava cantando. Como meu pai foi um homem muito trabalhador,

ele trabalhou muito no porto e criou os filhos com muito amor e muito cuidado, mas não foi um homem rico, por que meu pai não tinha dinheiro pra investir no futuro do filho, era no rádio, na Rádio Difusora, os artistas tinham seu cachê, que recebiam por mês, tinha lá escrito tudo, éramos tipo funcionários, mas nós não éramos funcionários, mas se eu fosse cantora de rádio eu ia ter condição de ajudar meu pai, nós éramos alguns irmãos menores, eu era a filha mais velha e eu tinha que me virar também pra ajudar a família, e foi o que eu fiz. O Valter Freitas era um amigo da família, enfermeiro, ele gostava de mim, gostava da minha voz e foi ele, o Valter Freitas, quem criou esse nome pra mim Kátia Maria.

Até um dia meu pai chegou em casa, a minha mãe

Katia Maria traz em suas apresentações voz, a performance, as histórias e as canções do tempo do rádio.
Foto: Fernando Matos.



estava ouvindo a rádio. Ela ligou na rádio, a mamãe sabia de tudo, aí meu pai olhou e disse: quer dizer que a Cleonice virou Kátia Maria. Quando eu cheguei em casa ele disse que aonde eu fosse cantar ele queria ir comigo, por que na cabeça dele moça virgem tinha que ter todo aquele cuidado, mesmo naquele tempo tinha que ter aquele cuidado por que já tinha os ganhões da cidade e meu pai disse: eu quero ir com você. Eu nunca esqueci, foi no Boulevard Amazonas, foi no estúdio, foi no bairro: eu ali naquele palco e olhando pra aquela plateia linda maravilhosa e o meu pai lá. Ele tirou algumas coisas da cabeça dele que ele tinha e ficou todo orgulhoso da filha dele (risos), ficou todo orgulhoso eu disse: o Senhor está vendo, papai, não é as coisas que o senhor pensa, por que eu fui criada nos meios dos moleques, fui crescendo junto com os meus colegas que eram garotos, eles se tornando homens e eu era uma espécie de líder.

No rádio fui desenvolvendo, aprendi e não esqueci, outra coisa que eu vim aprender porque a música pra mim é um universo infinito a gente está sempre aprendendo, ninguém nunca sabe tudo, os grandes maestros ainda estão aprendendo. Quem diz eu sei tudo da música está mentindo, música é o universo infinito que a gente tem que está aprendendo todo dia, o caso da interpretação você tem que

Os grandes artistas que nós tivemos tiveram uns que ainda ficaram, outros pararam tiveram outras profissões, abandonaram o rádio, eu continuei por que a minha profissão é cantora.

Katia Maria, 2017.

passar pra aquele que está te ouvindo, a pessoa tem que ficar arrepiada ou sentir aqui dentro, muita gente não se preocupa só com a técnica.

Depois vim aprender a técnica tinha outra coisa, por exemplo, o Teatro Amazonas pra mim ele tem uma magia, é uma magia toda especial, é o único lugar do mundo que eu vou cantar e eu não fico nervosa, eu não sinto nada, eu quero é chegar ali, me divertir. Ele só me passa coisas positivas, ele me dá segurança quando algumas pessoas pegam o microfone para entrar naquele palco, eu já fico tremendo.

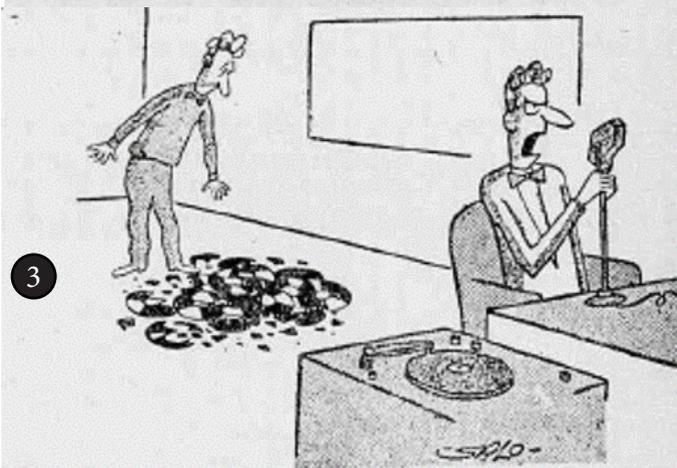
A Rainha do Rádio e intérprete Katia Maria é a representação dessa geração do Rádio. É o símbolo, é o íco-

ne das cantoras do rádio em Manaus, conquistou ouvintes, se projetou como uma intérprete, mas sua ascensão foi local, ou seja, uma semi-deusa do Olimpo Vale Amazônico.

É o passado musical fazendo história no presente pela sua imagem representativa. A trajetória musical da Rainha do Rádio, que nunca perdeu a majestade, representa nos dias atuais a história musical coletiva e individual, as experiências epocais musicais presentes no cotidiano musical do tempo atual. Por isso, traz em sua imagem o imaginário de uma época que se apresenta pela sua voz e pela sua interpretação.



O LOCUTOR: — "Alô ouvintes, em nossos estúdios todo mundo dança animadamente!"



O LOCUTOR: — Por motivo de "fôrea maior" deixamos de apresentar hoje o nosso programa de estúdio com a nossa grande orquestra sinfônica...



UM CONJUNTO SEM INSTRUMENTOS

Ai estão quatro músicos sem instrumentos, mas rigorosamente dentro da posição como tocam. Preste bem atenção porque não é difícil saber quais os instrumentos que estão faltando. Depois vá conferir na página 42. Lá estão os instrumentos. Ou melhor, os nomes.

PERGUNTE O QUE QUISER

REVISTA DO RÁDIO, no afã de satisfazer a curiosidade de seus leitores, criou esta secção que manterá os milhões de rádio-ouvintes brasileiros em contacto com seus artistas prediletos. Qualquer que seja a pergunta, sobre qualquer assunto, o leitor terá satisfeita a sua curiosidade,

bastando, para isso, recortar o "cupon" abaixo, preenchê-lo devidamente, com o que deseja saber e enviar para REVISTA DO RÁDIO — Rua Treze de Maio, 23, 18.º and., sala 1.829, e nós na edição imediata publicaremos a resposta que nos será dada pelo astro consultado.

REVISTA DO RÁDIO
PERGUNTE O QUE QUISER

O LEITOR
PERGUNTA AO ARTISTA
DA ESTACÃO
O SEGUINTE

Imagem 1: Fonte: Revista do Rádio, ano I, nº 10, Dezembro de 1948.

Imagem 2: Fonte: Revista do Rádio, ano II, nº18, Agosto, 1949.

Imagem 3: Fonte: Revista do Rádio, ano II, nº18, Agosto, 1949.

Imagem 4: Fonte: Revista do Rádio, ano I, nº 1, Fevereiro de 1948.



MEUS AGRADECIMENTOS A VOCÊS!!!

